



Mulheres Quilombolas de Buriti do Meio: Identidade e Processo de Exclusão Social

Wanderleide Berto Aguiar, Maria da Luz Alves Ferreira, Maria Helena Souza Ide, Ludiana Martins Silveira, Queite Marrone Soares da Silva, Ana Flávia Rocha de Araújo, Wesley Ribeiro Carvalho Pimenta

Introdução

Em decorrência da discriminação e o estado de desigualdade que as mulheres se encontram no meio social brasileiro, principalmente as negras que estão inseridas neste contexto, esta análise tem como foco tecer algumas considerações a respeito da identidade e o processo de exclusão social sofrido pelo grupo feminino da comunidade quilombola Buriti do Meio localizada no Norte de Minas Gerais – MG. A exclusão social é um fenômeno que afeta grande parte da população brasileira dentre elas as mulheres negras que sofrem por serem mulheres e, além disso, a cor da pele tem sido preponderante para o ferimento da identidade por estarem inseridas a determinado grupo étnicorracial. Esses carregam uma história de discriminação e ainda continuam sem usufruir de direitos fundamentais para a reprodução social, econômica e política. Muitos indivíduos são ignorados e, além disso, estigmatizados por não possuírem meios de inserção social. Deste modo, o fenômeno da exclusão social tornou-se um fator que contribui na marginalização de grupos que estão expostos nas franjas das sociedades e reclusos à miséria e ao abandono. Pode-se considerar que o processo desencadeado pela exclusão social provoca aos grupos danos de instabilidades em que estes são lançados em um abismo da desigualdade, sem acessos aos recursos básicos para a manutenção da vida. Neste grupo dos excluídos a população negra que mesmo tendo os seus direitos pautados na Constituição de 1988 ainda são submetidos à extrema miséria nas favelas e periferias urbanas e nos grotões do interior do país. Na sociedade brasileira grande parte dos negros se encontra abaixo da linha da pobreza. Essa extrema exclusão não está somente ligada ao fator econômico, vai muito, além disso, ela se relaciona a vários outros fatores, mas a questão principal de tamanha segregação passa por questões ligadas a etnia.

Desde o início da colonização a realidade social dos negros é complexa, são tratados com indiferença na sociedade brasileira e, sobretudo são excluídos de forma desumana de todos os direitos universais. Percebe-se no contexto histórico, que essa população foi excluída do meio social sendo discriminada de vários aspectos, e um dos fatores a ser destacado é a cor da pele, já que perante a sociedade a questão racial é algo determinante nas relações sociais.

Para entender o processo de construção da identidade de gênero das mulheres busca-se no conceito de identidade de Silva [1] que para este autor “a afirmação política das identidades exige alguma forma de autenticação. Muito frequentemente, essa autenticação é feita por meio da reivindicação da história do grupo cultural em questão”. Ao discutir a identidade indígena Oliveira [2] afirma que a identidade se edifica e se realiza no nível coletivo ou social por meio da expressão étnica. Para este autor, os atributos de identificação tornam-se relevantes quando tais mecanismos expressivos refletem a identidade do grupo frente a outros grupos que se colocam em diferentes posições concretas. Para tanto, a integração da figura feminina imbricada ao contexto político tem raízes históricas dado o artesanato ter sido o veículo para a ascensão das mulheres de Buriti do Meio. No novo universo que se descortinou para elas e para a coletividade com a modernização da economia brasileira, com a expropriação territorial vivida, com a modernização das relações de trabalho e com a migração sazonal dos seus maridos e filhos mais velhos em busca de trabalho.

Em virtude do aprendizado dessas mulheres na prática de negociar os objetos de barro possibilitou o desenvolvimento de uma competência que se ampliou para outra área da vida social, a atuação no campo político. Por meio do processo de comercialização dos artesanatos, as mulheres foram tecendo relações sociais com agentes sociais, e com isso as ceramistas de Buriti do Meio criaram *status* de poder, demarcando assim um lugar que tem uma dimensão concreta e, mais importante, simbólica. O artesanato foi usado como veículo de identidade e como estratégia política para angariar recursos do Estado, mas vai além, ele dá visibilidade à comunidade enquanto grupo quilombola. Destacando-se como signo identitário de sua materialidade primeira, de manter viva a coletividade e, por consequência, a história dos seus antepassados.

Essa posição sustentada pela figura feminina na comunidade requer um olhar para as questões relacionadas ao feminismo emergido dentro da comunidade, a maneira com que vem ocorrendo esse feminismo dentro desse grupo envolve uma tríade de questões como raça, cor e gênero. O imbricamento dessas três questões constituiu um grande desafio que exigiu dedicação permanente para a conquista de alguns direitos étnicos fundamentais que propiciou a transformação dentro de uma década, e o empenho da figura feminina nesse contexto foi primordial para a obtenção de benefícios de políticas públicas.



Vale destacar aqui, que o enfrentamento do grupo de mulheres buscou se aprimorar no campo político para angariar benefícios do governo federal para a comunidade. Contudo tem-se enxergado nessas mulheres a intensificação na qualificação dos estudos, fator que tem possibilitado a articulação com a sociedade envolvente. Desta forma, o trabalho artesanal além de ser um recurso econômico para a manutenção das famílias, também passou a ser elemento de estratégias de uma cultura própria referenciada, fortemente, nos orixás. É por meio deles que os membros desta coletividade procuram manter vivo o vínculo com a ancestralidade africana. O modelar do barro possui elementos diacríticos de identidades que os diferenciam dos demais grupos circunvizinhos.

Esses elementos que demarcam a identidade e diferença das mulheres negras foram vistos por Silva [1,2] como sendo um dos mecanismos que as colocam na ordem de lutas bem diferentes das lutas fomentadas pelas mulheres brancas. De acordo com Caldwell [3], o feminismo no Brasil, a forma como ele tem concebido precisa ser discutido com novas perspectivas, pois as demandas não abarcam questões raciais, já que temos uma história marcada pelo racismo e, além disso, pelo preconceito.

Objetivos

Assim, diante destes aspectos, este trabalho tem por intenção discutir a identidade do grupo feminino da comunidade quilombola Buriti do Meio Norte de Minas Gerais que tem enfrentado dentro do meio que circundam um processo de exclusão e, além disso, a estigmatização por serem considerados diferentes em decorrência da cor e da sua etnia. Compreender essas questões é problematizar e dar visibilidade fatos da desigualdade e discriminação, posição ocupada pelas mulheres negras durante toda sua história.

Material/ Métodos

Portanto, a metodologia que deu base para a realização deste trabalho permeou com a junção da teoria social, bem como com a pesquisa de campo, o que contribuiu para o aprofundamento da compreensão da realidade social vivenciadas pelas mulheres desta localidade. Para dar suporte essa discussão o material levantado foi a partir de uma leitura bibliográfica contrastando com os dados de campo que foi fundamental para construir uma reflexão consistente em torno da prática da exclusão social e racial vivenciadas por essas mulheres.

Resultado e Discussão

No bojo desta reflexão o que se chegou com essa pesquisa é que este grupo de mulheres tem buscado mudar a sua condição social, que pouco mais de vinte anos viviam em uma realidade bastante diferenciada. Se no passado a coletividade teve a atuação dos homens como o mecanismo de fundação do *mundus* social local, no presente, é pela atuação das mulheres que esse *mundus* se transforma para propiciar vivenciar o que é ser cidadão pleno no Brasil. E não mais excluídos, discriminados, estigmatizados e explorados das gerações passadas. É modelando o barro que essas mulheres modelam as suas ações, tanto no desenvolvimento político, como também na estrutura social da coletividade. Por isso, a questão do gênero apresenta-se como uma chave propícia à averiguação das regras de sociabilidade, que não são necessariamente universais, dado que cada grupo social possui uma forma particular de conceber suas relações e interações, como dito por Strathern [4], que afirma que a lógica e a simbólica construídas pelos melanésios, não são consoantes à lógica e a simbologia da sociedade ocidental. A orientação da compreensão de mundo e do estilo de vida vivenciado pelos membros dessa sociedade e de outras, como Buriti do Meio, é de outra natureza. A tríplice jornada de ocupação das mulheres no tocante a educação dos filhos, organização do seio doméstico e há pouco tempo a efetiva participação política se caracteriza como uma tarefa a mais no cotidiano das mulheres. Em Buriti do Meio, as mudanças ocorridas na estrutura organizacional pela efetiva participação das mulheres impactaram a vida local, com a emergência de novas posições, distintas das vividas até então, entre homens e mulheres. Estas saíram do seio doméstico para a tomada de decisões na organização política da comunidade que redundassem em acesso a benefícios públicos capazes de melhorar a condição de vida de cada quilombola, homem ou mulher, velho ou criança.

Conclusão

Para tanto, a conclusão perpassada no interior desta análise, fica evidente que o processo de sofrimento que estas mulheres negras quilombola têm enfrentado ao longo da sua existência um estágio de pauperização e exclusão social. Estes fatos lhes tiraram o direito e condições fundamentais como o exercício no domínio político, social, econômico e cultural. Mas na contemporaneidade a realidade delas é outra, essas mulheres buscaram na sua identidade enquanto negras de um legado de ancestralidade da matriz africana a se afirmar como grupo diferenciado, o que vislumbrou a atuação no campo político, colocando assim, seu grupo social em outra realidade. Cabe aqui afirmar que, a estrutura social da comunidade vinculada à produção das cerâmicas moldou a identidade das mulheres e as relações de



FÓRUM ENSINO · PESQUISA
EXTENSÃO · GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:
Unimontes
Universidade Estadual de Montes Claros

APOIO:
FAPEMIG

FADENOR

24 a 27 setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

gênero que sofreram impacto crucial após a inversão do lugar de ambos os sexos na vida local, municipal e regional. Atualmente a comunidade tem se beneficiado de políticas públicas após serem reconhecidos como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares. Esse reconhecimento, pautado no Artigo 68 da Constituição Federal de 1988[5] propiciou emergir um novo sujeito de direito, por meio do acesso à terra vinculada aos ancestrais e de uma identidade negra, especificamente quilombola, que dá sustentação e é mantida pela reprodução dos costumes e dos valores culturais. Do direito coletivo à identidade e ao território, a estratégia de se engajar na luta política para acessar outros domínios da vida por meio de ações que visam à melhoria da infraestrutura da comunidade como também o direito à saúde pública e à educação, dentre outros.

Referências

- [1] SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org), Stuart Hall, Kathryn Woodward.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- [2] OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade Étnica, Identificação e Manipulação**. In: Identidade, Etnia e Estrutura Social, 1976.
- [3] CALDWELL, Kia Lilly. **Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil**. Revista Estudos Feministas, 2000. Disponível em <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/16112009-035108caldwell.pdf>>. Acesso em Janeiro de 2013.
- [4] STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva: Problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia**. Tradução André Villalobos. ED: Unicamp. Campinas, 2006.
- [5] BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Câmara, 1988.



Figura 1 – A força da mulher quilombola na arena política
Fonte: Acervo da autora



Figura 2 – A diversidade do artesanato de Buriti do Meio
Fonte: Acervo da autora



FÓRUM ENSINO - PESQUISA
EXTENSÃO - GESTÃO
FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras

REALIZAÇÃO:



APOIO:



FAPEMIG



FADENOR

**24 a 27
setembro**

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br